

O HERALDO

Director, proprietario e administrador
JOSÉ MARIA DOS SANTOS
 RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCOS"

Redacção, administração, composição e impressão
 TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
 RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

INJURIAS

Continúa a campanha de difamação, lá fóra. E' apenas lá, porque, a dentro de fronteiras, a calúnia teve de encolher as garras.

Mas, agora, os jornalistas estrangeiros que veem entrevistar o sr. João Franco, já se não limitam a diffamar todos os homens publicos portuguezes, com a tórpe inconsciencia dos ataques que, em grande parte, concorreram para a morte d'esse pobre e mallogrado Hintze Ribeiro... Agora, vão mais longe. Diffamam e amesquinham tambem o povo portuguez.

O caso mais recente deu-se com um Excellentissimo Enviado do Times, o grande diário inglez. Este, mal desembarcou em Lisboa, correu a Cintra, demorou-se algumas horas com o chefe do governo e deu-se pressa em regressar a Londres, não se demorando, porém, tão pouco, que não tivesse tempo de levar a carteira cheia de notas —segundo teem informado varios jornaes...

E' inglez, esse jornalista. E sabe-se que o povo inglez, cioso, como nenhum outro, dos seus direitos e das suas liberdades, nem consentiria um rei que faltasse ao respeito ás leis, nem deixaria no poder, por uma hora que fosse, um ministro que se arvorasse em dictador!

Pois o enviado do Times, depois de ter falado com o sr. João Franco, foi dizer no seu jornal:

—Tem razão o dictador. Aquillo é um paiz de selvagens, sem direito a figurar entre as Nações cultas e civilizadas. Côrtes, leis, liberdades, são boas para nós, inglezes. Elles não merecem mais do que o azorague de Franco, o dictador — o único homem de geito, entre cinco milhões de illetrados e de analfabetos!

Esta affronta, por vir de um paiz aliado, maguou-nos. Mas não nos indignou, visto que não morre um povo, lá porque um *eccriba* internacional o insulta.

A indignação é outra. A impressão do sr. João Franco, dando noticia do artigo, applaudiu. E o ministro portuguez em Londres, amigo particular e politico do sr. João Franco, leu e calou-se. Consentiu, portanto.

Pergunta-se: quem tem razão? Os que combatem contra o governo, pugnando pelos interesses da patria e pelo bom nome do povo portuguez? Ou o governo, que faz com que Portugal seja arrastado pela lama, n'uma campanha odiosa e infamissima?

O caso tem de ser encarado, porém, não tanto como offensivo dos nossos brios patrióticos, mas principalmente em face dos nossos brios patrióticos, mas principalmente em face dos nossos direitos do povo independente e livre.

Todos sabem que este paiz illetrado, no dizer do barato reporter do Times, é aquelle mesmo paiz que rasgou os mares em todas as direcções, tendo já um almirante inglez proclamado bem alto que foi a marinha portugueza a mãe e a mestra da marinha ingleza. Todos sabem que este paiz illetrado, foi o mesmo que, em eras distantes, possuuiu o maior imperio colonial do mundo, e é hoje ainda a quarta potencia colonial. Ninguém ignora que este mesmo paiz já no seculo XII tinha as Côrtes famosas de Lamego; que as teve em Coim-

bra nos seculos XIII e XIV; em Leiria, em Lisboa e em Evora no seculo XV; em Lisboa e em Thomar no seculo XVI, e que já então o povo tinha voz n'essas assembleas, falando alto ao reis e impondo a sua vontade soberana. E' sabido tambem que foi este paiz o primeiro a abolir a pena de morte, dando, assim, a toda a Europa um alto exemplo de progresso e de civilização...

Não vale pois, a pena responder agora, sobre este ponto ao plumitivo inglez que veiu ouvir o sr. João Franco e encher de notas a sua carreira... de reporter.

E' que ha um aspecto mais grave, n'esta questão de infamias, não para o nosso sentimentalismo patriótico, mas para a nossa vida de nação independente. Esse perigo já o proclama, em um sensatissimo artigo, o *Jornal do Commercio*. E todos o devemos gritar, bem alto, não para despertar do seu somno o ministro de Portugal em Londres, mas para que, emfim, abra os olhos quem tem o dever de olhar para o abysmo a que está sendo conduzido este generoso paiz, bem digno de melhor sorte e de melhores dirigentes.

Como muito bem diz o *Jornal do Commercio*, a aliança entre Portugal e a Inglaterra era uma garantia incontestavel, porque Portugal era o *espinho cravado no flanco da Hespanha*. Sem esse accordo, a Inglaterra nunca poderia assegurar a sua supremacia nos mares.

Hoje, não. O casamento do rei de Hespanha com uma princeza da familia real de Inglaterra, mudou o rumo aos acontecimentos. E Portugal, ou se impõe, nobrememte e altivamente, ou é arreado para um plano secundario e talvez para um aniquilamento irremediavel.

Não haja illusões. Portugal, sem côrtes, sem liberdade, entregue aos caprichos de um dictador e aos azares de uma teimosa aventura, é um paiz parado. E os povos que páram no caminho do progresso, segundo a doutrina de um estadista inglez, não teem razão de existir.

A situação, portanto, pôde ser esta tambem:—O jornalista inglez applaude a orientação do sr. João Franco, porque essa orientação váe arrastando o paiz para a anarchia e para a ruina. E chegada a ruina, a Inglaterra saberá apossar-se da tunica ensanguentada.

O *Jornal do Commercio*, n'esse artigo, que é um patriótico brado de prevenção e arame, define bem a situação. No dia em que o povo portuguez, impotente para sacudir o jugo de uma dictadura affrontosa, recahisse em completa anarchia governativa sem côrtes, sem leis, sem liberdades publicas, sem imprensa, sem direitos nem garantias individuais, a Inglaterra diria simplesmente:

—Meus amigos: um povo assim, é incompativel com a Europa civilizada. Contentem-se em ser uma simples provincia de Hespanha. E quanto ás colonias, não se incomodem. Nós as dividiremos, entre nós, á boa paz.

E' este realmente o quadro. Os perigos que nos ameaçam, em face da politica internacional, são hoje maiores do que nunca. E se a Inglaterra applaude a desordem em que nos lançou o governo do sr. João Franco, é porque espera aproveitar-lhe os funestos resultados.

Assim succedeu com o Egypto,

que cahiu pelos seus proprios erros, e é hoje, nem mais nem menos que uma colonia ingleza.

Que Portugal saiba parar na derrocada! Que, emfim, abram os olhos os que teem obrigação de vêr...

O horizonte cada vez se apresenta mais carregado e negro.

ANTONIO CERQUEIRA

E

JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO

ADVOGADOS

Rua do Ouro, 149, 2.º

LISBOA

REMEMBER

A' Gentil «Musa Verde»

Tornami a mente il di che la battaglia
 D'amor sentii la prima volta, e dissi:
 Oimè, se quest' è amor, conì ei travagliati
 Giacomo Leopardi.

Tons de oiro listram o firmamento. E' á hora em que, sob as dubias caricias da Luz, as flôres começam despertando. O orvalho em scintillações esplendidas, rutilla no reconcavo mysterioso das corollas. Uma atmosphera paradisiaca circunda a Terra, ao longe esbatem-se suavemente, em contornos azulinos, as grandes massas de vegetação da Floresta dos Desenganos e, como arraucarias prodigiosas, erguem-se, recortando os seus vultos sobre o ceo claro, as eternas arvores da Esperança.

Pensativo, succumbido ao peso de um desgosto cruciantissimo, o Poeta em cujas faces a Dôr imprimiu um angustioso beijo, fta o horizonte como que a desejar descobrir através aquellas brumas, o adoravel vulto da sua fugitiva Musa.

Subito, junto delle, uma Nympha surge e falla lhe assim:

—Poeta, como adornarias a tua linda Musa Verde se o Destino á tua guarda a confiasse?

—Como? Como!?—bulbucia elle transparendo-lhe no olhar um irrealizavel desejo:

«Iria pedir ao Sol o luminoso feixe de todos os seus raios e com elles entreteceria o mais fulgurante diadema imaginavel, só para co-roar-lhe a fronte linda!

Iria pedir ao oceano as transparencias liquidas das suas ondas glaucas, eguaes ao brilho dos seus olhos fascinantes e, consubstanciando-as, faria com elles um zaimpho maravilhoso que eu proprio iria collocar-lhe sobre os nevados hombros.

Da espuma alvinitente das ondas, havia de construir um leito sobre o qual Ella descansaria o seu corpo de lyrio sem que a ardençia das caricias lhe viesse convulsionar as linhas rhythmicas e onde Morpheu lhe viria cerrar cerrar as palpebras de setim em deliciosos sonhos...

Depois, quando despertasse, á suave claridade de esplendida manhã doirada, tomaria, com Ella, logar no phantastico bergantim da Illusão e singrariamos eternamente os interminaveis paramos do grande Oceano das Chimeras!»

Assim fallou o Poeta, mas o Desengano, aquelle sabio astuto, tão velho como o Mundo, ouvindo-o, por acaso, sorriu do infeliz...

O oiro do ceo fundira-se em vermelho, e grandes bandos de andorinhas prepassaram ante o poeta, como a desafiar o seu espirito a alar-se com ellas...

Távira, 8 1907.

LYSTER FRANCO.

NO ALGARVE

NOTAS DE VIAGEM

II

SUMMARIO

Pisando terra algarvia—A obsequiosa «carrinha» —Sorrisos castos das Figueiras—Silves á vista —A sua historia —Exhumando Pinho Leal—O silencio do povoado justifica-se pelo fabrico... da Rolha —Escrinio d'uma joia archeologica e archeologica—Campa provisoria do Principe Perfeito... no homicidio —Ruínas guerreiras—Uma louca que grita contra a ferocidade humana—Mercado aldeão—Instantaneos—Um hotel que ministra bifes d'atum e pede reclame á mercaderia—«To be or not to be»—Adeus á cidade —A caminho de Portimão —Aggrupamento urbano de Ferragudo—Instalção confortavel e um Caruzo barato—Não ha peixe no Algarve—A praia da Rocha é o «rendez-vous» da elegancia indigena... com armações na costa

Ficamos em Messines, ponto de sahida para Silves, a primeira cidade algarvia que attrahe a nossa curiosidade de viajeros.

Estação deserta. Nem mais um passageiro, além de nós. A madrugada humida traz-nos arrepios por uma noite mal dormida. Vae clareando. Em torno, a paisagem tem todas as gradações do verde, n'uma harmonia suavissima, desde o azeitonado da alfarroba até ao alegre-claro das amendoeiras que orlam as estradas, povoam cerrados e vão ainda entresachar as fiadas interminas de figueiras, que corôam montes e collinas —acocorando-se em manchas, pequenas e redondas como manjericos—a ras-tejar pela terra calcinada os seus braços contorcidos.

Aquella hora dormente do amanhacer apenas se vê na estação o vehiculo conductor das malas postaes que *accumula* as funcções obsequiosas de transporte de passageiros: é uma *carrinha*, designação amoravel d'um typo de vehiculos de duas rodas, com toldo, puxado a um cavallo, que lesta mente percorrem as estradas do Algarve a quinze tostões por dia!

Tomamos logar no pequeno carro, empilhados com as saccadas de correspondencia, e seguimos para a cidade — a dois kilometros da estação. Pelo caminho, as figueiras, perlas d'orvalho, entreabrem sorrisos nos seus primeiros fructos tentadores, quasi a implorar o nosso atrevimento... guloso. Mas ninguém lhes bole. O latrocinio não é planta que vingue n'esta região. Ninguém usaria estender o braço para conquistar o fructo alheio embora o proverbio reze que «em tempo de figos não ha amigos».

Silves está já á vista, além do rio Arade, n'uma perspectiva scenographica, em amphitreato, onde por entre borrões vermelhos de telhados contrasta a mumia pergaminhada da Sé Episcopal e os retalhos abandonados da fortaleza mourisca.

O que se sabe de Silves sob o ponto de vista historico? — que os phenicios ou os gregos a fundaram muitos seculos antes de Christo andar pelo mundo. Como todos os pontos fortificados do sul da peninsula, Silves teve a occupação dos mouros e dos arabes, e durante algum tempo foi sede do reino mauritano. D. Sancho conquistou-a em 1187 e dois annos decorridos a moirama voltou a assenhorear-se do povoado, até que o fronteiro-mór do Algarve a arrebatou, pondo em debandada o pobre rei mouro que foi morrer afogado n'um pego do rio! Mais uma len-

da da Carochinha a engastar no roزاریo que esmalta a conquista de Portugal.

As pelepas dismantelaram a fortificação que Affonso III reparou como poude. Os terremotos destruíram parte da cidade, as arcias açoriaram-lhe o rio, o rei Desejado despojou-a do bispo.

Pobre Silves!

Por isso ella arrasta hoje a vida monotoná de cidade provincial, condemnada aos «trabalhos forçados» de fazer rolhas, quando os attractivos archeologicos gritam, em vão, pelos homens cultos, mostrando-lhes a vetusta cathedral — hoje templo matriz—considerado o mais importante do Algarve, ainda com resabos de mesquita, de nave magestosa e janellas em ogiva, que por algum tempo guardou os despojos de D. João II, até que o Rei Afortunado os fez trasladar ao mosteiro da Batalha.

E' ainda cedo. Visitemos o castello—apenas representado por alguns pannos de muralhas em ruínas, crespas de silvedos, em cujos angulos se elevam quatro torres a servir de carcere civil. A dentro d'estes muros derruidos uma grande cisterna mourisca, de abobada, sustentada por nove pilares. E' uma curiosidade que se indica como coisa de grande monta na cidade. Ao penetrarmos na explanada, por uma especie de tunel sob o casarão que serve de alojamento aos soldados d'infanteria, surprehende-nos um ruído doloroso que vem do interior d'uma enxovia. Aproximamo-nos do gradão. Uma louca, de cabellos desgrenhados, tentando a custo velar a sua branca nudez com uns tristes farrapos, acorda os echos do encharcado carcere e, implorando talvez a misericordia dos homens com as suas gargalhadas profundamente lugubres! Tirámos o chapéu diante da infeliz que apodrecia n'aquelle antro infecto e... sahimos a percorrer as ruas, pedregosas e emmanhaoas, de pomposa epigraphe que é todo um compendio de historia.

O movimento já debil, da cidade que a paisagem enclausura ao sopé da montanha, fracassa inda mais á hora da laboração das poucas fabricas. A's janellas assoma uma ou outra cabecinha curiosa que por um requinte de justificação pejo nos não assedia para inquirir:—d'onde somos e o que fazemos?! N'um mercado *de trazer na algabeira*, em terreiro que enfrenta com o quartel, mulheres feias, de lenço vermelho e chapéu de feltro, saias de viuvez, acocoram-se diante das amostras de verdura e da fructa, entretendo os parenthesis de venda em colloquios amoraveis com os soldados da guarnição que, em trajos sujos de caserna, com a *beata* atraz da orelha, vão despedindo olhares de braza e descascando pevides.

E' a hora em que o almoço nos incita a reparar energias. Cá está um hotel ideal onde, para nada faltar, tambem não escasseiam moscas. O locandeiro serve-nos prodigamente as suas amabilidades verbosas e... o seu atum em bifes. E' uma especialidade que, a ser conhecida do desventurado Vatel, talvez evitasse o fim tragico d'esse vultó celebre na historia... do paladar. Almocemos, pois. A casa é ampla, os repartimentos confortaveis, o hoteleiro cavaqueador e... algarvio como os que o são. Falla e gesticula como um callista reclamando o especifico de sua invenção, em plena feira. E, enquanto comemos, não cessa de nos ferir a retina com os cartões

anunciadores da sua hospedaria até se convencer que vamos anunciar *urbi et orbi* a sua casa muito cariosamente acolhedora e nada... escaldante.

O dia avança e o horario apertado entre a contingencia de sair já ou de ficar por largas horas n'esta cidade adormecida que tem uma Sé sem bispo, um rio sem navegação, dois hotéis sem hospedes e algumas prisões sem reclusos! Optamos pela sahida. Um adeus saudoso a hospedaria. Novo giro de *carrinha*, passeio entre figueiras e anões, e eis-nos a breve encafiados n'um asphixiante compartimento do caminho de ferro, peirosos e ennegrecido da fuligem, a attestar flagrantemente a *nonchalance* das coisas do Estado.

Para Villa Nova! — *abreviatura* porque os naturaes designam a risonha villa de Portimão.

Em todo o caminho o aspecto das varzeas é delicioso. Nos hortellos, d'uma frescura convidativa, as cerejeiras e macieiras, picadas de rubis e de topázios, dão um encanto indissolvel á paisagem, revelando-nos, pela forma como serpenteiam pelo solo, uma maneira especial de educação nos domínios da pomologia. O comboio deixamos gosar detidamente estes trechos pittorescos porque segundo compreendemos, elle pertence á irmandade de Nossa Senhora Não-te-Rules. «Devagar que quero ir depressa» — é a expressão popular com foros de proverbio, e nunca ella teve melhor applicação.

Às 10 horas, por uma manhã cheia de sol que faísca nas salinas, avistamos Portimão, na alegria plena das suas casas alegres, contornando o braço de mar que distancia as margens um kilometro e onde desaguam as ribeiras de S. Ives, Odelouca e Boina. A paragem faz-se antes da ponte metalica que liga a margem esquerda com Villa Nova. Uma pequena ascensão preambulando ao agglomerado urbano que é Ferragudo, a gosar d'esse miradouro a perspectiva da villa que um portuguez d'arribação baptizou ha quinhentos annos: o rio profundo onde singram barcos de pesca, recurvos como alfanges, o traco metalico da ponte, os montes de Alvôr, e para o lado da barra os fortes de Santa Catharina e de S. João entremirando se, vis á-vis, a recortar as suas negras ameias no azul do mar.

A *carrinha* espera-nos, lá baixo, junto das casas de pasto que procuram attrahir os viajores com a rescendencia das suas caldeiradas, para nos levar, finalmente, a Portimão, a procurar o hotel que mais presto nos sirva o almoço.

... E' magnifica a nossa installação não ha que vêr. Agitam-se as escovas. Despejam-se os baldes d'agua. Vamos p'ra mesa. Como aperitivo... bem dispensavel, nem nos falta um Ceruzo a gargantear a «Tosca» n'uma placa de gramophone. Ma meia penumbra da grande sala de jantar, espelheira e adornada de molduras de formato a recordar-nos as maiores tragedias militares apothetizadas pela lithographia allemã, faz-se uma frescura encantadora durante a refeição onde afinal abunda... a carne. De peixe, nem uma, amostrela. Pois é crível que em toda esta costa do antigo reino algarvio tenham desaparecido as armadilhas de pesca? Não haver peixe no hotel d'uma povoação que tem como principal industria a conserva... de peixe — é na verdade um extraordinario *phenomenon*. Mas temos de conformarmo-nos. O caso suggere commentarios. Bordam-se ditos e casquinam-se risadas. Serve-se o café...

E como não ha tempo a perder, saímos a visitar a praia da Rocha — por onde se alastram já os cottages alegres, grandes casinos e as modestas casas campestres circundadas de vinhedos e figueiras — a mais bella de toda esta costa, ouricada de penedias mathodonicas, que parece protegerem a terra, postando-se ali como sentinellas a guardar o povoado das furias do Atlantico.

E' aqui o «rendez vous» estival das familias algarvias onde ha meninas anemicas com aspiração ao «mariage». João Arruda.

DE RELANCE

Ao sr. Jayme Cunha

Li devagarinho o artigo publicado por v. no ultimo numero do *Heraldo*, e venho dizer-lhe singelamente, francamente as impressões que a sua prosa adocicada me deixou. Eu, como v., respeito o padre justo — quasi visão luminosa no meio duma sociedade pessima, e, como v., tambem me extasio ante a divina poesia do Christianismo; mas a religião catholica, para mim, é algo mais que um sergido de «patranhas dogmaticas», e o sacerdote realisa, no meu fraquinho entender, uma missão social utilissima.

Não ignora a minha ingenuidade que é facil, até muito facil, a qualquer, depois d'um ligeiro mergulho na vasta e complicada historia das religiões, fornecer argumentos á curiosidade doentia dos que tudo discutem, tudo anatomizam e em quasi tudo erram miseravelmente, contando que no mais sombrio das escuras florestas os homems adoraram, apavorados, umas divindades sinistras creadas pela sua mesma imaginação.

Estes amantes e escravos da verdade citam, *ingratum opus*, a proposito e a despropósito os milhares de deuses mais ou menos extravagantes da mythologia, nararam cuidadosamente os crimes repugnantissimos que formam a textura das antigas lendas; mas calam que ainda no seio do polytheismo mais grosseiro se encontra um Deus a governar outros deuses, além de mil outras coisas... dignas da attenção d'um investigador imparcial.

Uma intelligencia mais que muito mediocre, como diria Camillo, vê a plena luz o porquê d'estes e de quejandos «acaços». Se elles dissessem tudo provavam até a saciedade que a crença num só Deus procedeu o polytheismo, e, que não foram os phenomenos naturaes que acordaram no homem a idéa d'um Ente justo e bom. O povo judeu, que se apresenta a critica do historiador despedido de preconceitos como uma quasi excepção na corruptissima civilização antiga, só de tarde em tarde, captiva os olhares hyper penetrantes dos incredulos. Desconcerta-os a serena austeridade dos velhos patriarchas e, talvez «um quid» de divino que palpita nas paginas dos seus livros admiraveis. Filha muito querida do Eterno, a Verdade, tem ali uma scintillação tão forte e acariciadora que deslumbra e convence quem a buscar desapassionadamente.

Christo, o louro nazareno dos descrentes sentimentaes, nasceu no seio d'essa raça soffredora e crente. Depois de viver trinta annos desconhecido de todos para nos ensinar a humildade, a resignação e a obediencia, começou a «completar a Lei». Accusado de blasphemador foi crucificado no alto dum outeiro calvo em cujas rugas as gerações de vinte seculos teem apelhado chorando. Explica-se bem que os catholicos, na hora mais melancolica da tarde quando a luz se vae distinguindo nas orlas tão lindas do poente, ergam ao ceo olhos soluçantes, e a imagem doce de Christo venha retratar-se na sua imaginação; mas espanta a ingenua superficialidade dos incredulos dos ultimos tres seculos que incensam com vistosos farrapos litterarios a memoria do pallido galileu. Se elle não era Deus, sejam francos, não merece o vosso respeito porque foi um embusteiro. E em verdade seria digno d'esta insultante adjectivação o homem que abusando da magia empolgadora da sua palavra quente e suave quiz passar por Filho de Deus e Deus, não o sendo realmente.

O sr. Jayme Cunha é um novo, talentoso, trabalhador e cheio de boa vontade, mas ignora ainda as terribes exigencias da logica.

E' necessario sermos consequentes, e, releve-me a sinceridade, v. não é. Se, como escreveu está convencido que a consciencia do filho de Maria estava tranquilla no momento de abandonar, provisoriamente, esta terra por onde passou

derramando a flux, o bem e a verdade, deve dar mais um passo — crer na sua devida. Acredite-me, se o fizesse, seria infinitamente mais feliz...

A Egreja é uma sociedade que como qualquer outra tem jus ao nosso respeito. A sua historia terá sombras, mas porventura, o raio não vem ás vezes estilhar as agulhas rendilhadas dos monumentos sumptuosos? A missa e os demais actos do culto externo que enlevam os crentes, não fallam do Eterno ao coração de v., mas donde lhe adveio a certeza que não estavam no plano do fundador do Christianismo?

Pensaram o contrario os apóstolos, os martyres, os doutores da Egreja e mil outros pensadores immortaes. Quem se enganou?

Peço, respeitossissimamente, licença para affinar que não foram elles. Ademais todás as religiões altares e sacerdocio porque os não teria a nossa religião?

O padre digno d'este nome vive, defende e propaga as idéas religiosas. A palavra é a sua primeira arma — arma formidavel, como a lança de Achilles capaz de sarar as feridas que rasgou desapidadamente; mas insulada do exemplo não vale quasi nada. Se elle verbera em phrase ultra oratoria e gesto demosthenico os vicios do seu tempo, e vive abraçado com a sensualidade e com o orgulho, se indica aos outros as vias rectas que levam ao Bem e pisa os atalhos tortuosos onde mora o mal deshonor a sua batina e não merece que nós, os leigos, lhe estendamos a mão desenluvada. Assemelha-se, na verdade a um «lago cheio de lodo». Arroio limpissimo podemos por isso chamar ao padre que cumpre todos os deveres impostos á sua fraqueza pela Egreja.

E será inutil para a sociedade, abstrahindo até da verdade da Religião, a influencia d'esses homems fortes para resistir a miragens tão embriagadoras como aquella de que o sr. Jayme Cunha fallou?

Eu sei que muitos symbolisam toda a obra da religião christã num reles apagador. Vêm, horrifica visão! pelas esquinas mal iluminadas uns vultos negros solapando a marcha esplendida da liberdade, e ouvem, de continuo, na treva os passos lentos e traçoieiros da «reacção». Mas, infelizmente para elles, não se podem obumbrar os beneficios do christianismo. Ou'ora arrecadou as reliquias da sciencia antiga e civilisou os barbaros do norte, hoje envia missionarios para as regiões mais doentias do mundo e funda por toda a parte escolas, hospitaes e azilos. A sua influencia é tão grande que desafia a de qualquer outra sociedade. Em Belfast, li o ha dias n'um jornal, declarou-se uma greve tumultuosa e o governo inglez mandou logo, para restabelecer a ordem alguns milhares de soldados. Os padres catholicos pediram e alcançaram o ficar ao seu cuidado a manutenção do socego na cidade. Depois d'isto ainda muitos grupos irrequietos percorreram as ruas ululando gritos subversivos, mas d'ahi a pouco a instancia d'aquelles policias improvisados tudo se aquietou. Este facto pouco importante na apparencia evidencia a superioridade do clero romano sobre o protestante e, ainda, quanto podemos e devemos esperar da acção social da Egreja.

Disseram-me que o sr. Jayme Cunha era poeta, isto é um homem que sente e traduz o bello e não lhe parece bella a missão do padre? Olhe: elle acompanha-nos do regaço tranquillo de nossas mães até ao chão frio dos cemiterios; na força da vida só elle nos lembra francamente o nosso dever e as suas palavras repletas d'uma auctoridade suavissima, convencem; prega o bem, a verdade e o amor nas mansardas sujas dos pobres e nas salas cheias de luz onde reina a abastança. Diga-me, quem o poderia substituir?

Faro, 23-8-907. Callixto Novato.

SOMATOSE

Reconstituinte de primeira ordem

HORTAS DE VILLA REAL

Um dos meios de defeza contra a doença é a defeza contra os mosquitos e outros insectos, — é d'esse que continuamos occupando-nos. E comquanto, na duvida, seja racional defendermo-nos de todos, é util, pelo menos, conhecer as especies que até hoje se sabe serem transmissoras de doenças.

Como já sabemos a larva e a nympha do mosquito teem uma existencia exclusivamente aquatica. E' a superficie das aguas paradas que decorre a vida da larva (durante uns doze dias) até á transformação em nympha. Está suspensa á superficie de cabeça para baixo e cauda para cima. Nesta posição acrobatica perfeitamente apropriada as suas necessidades; respira por um prolongamento, inserido no peultimo anel, portador de dois canaes que são as tracheas que afloram á superficie da agua e com os appendices que lhe rodeiam a bocca apanha as particulas nutritivas que lhe caem das camadas de agua superiores. D'ahi segue o animal a ter movimentos muito rapidos, em zig-zag, faceis de observar em qualquer charco e dentro em pouco o mosquito, em completo desenvolvimento abandonou o envolucro que fica boiando vazio. Todos nós conhecemos os mosquitos e as suas proezas mas não distinguimos uns dos outros. Das 250 especies de culicideos conhecidas, as que mais nos interessam, por serem nossos hospedes, são a dos *Culex* e os *Anopheles*.

Da primeira todos nós temos ouvido cantar o mais ordinario de todos os mosquitos o *Culex pipiens* que é considerado como inoffensivo, enquanto que os *anopheles* dão-nos as sezões; ambos são dotados de um aparelho buccal apropriado a furar a nossa pelle e especialmente a femea muito mais sanguinaria.

O modo de poisar dos *anopheles* é diferente dos outros; poisam com a cauda levantada e tromba para baixo, em attitude de oculo de alcance sobre um tripé; mais delgados que os *Culex*, teem as seis pernas mais compridas, na cabeça duas antenas barbudas e, no corpo de comprimento ordinario, duas azas com pequenos pontuações negras. Na maior parte são crepusculares ou nocturnos, occultando-se durante o dia em todos os abrigos que encontrem. — como cavidades, grutas, folhagem, moveis dos quartos, depressões dos tectos, pregas de reposteiros, etc. Apenas vem a noite saem logo para fazer das suas. Como não são insectos que possam voar muito alto nem longe conservam-se sempre nas immediações dos lugares onde nasceram e é necessario por isso procurar o fóco d'origem perto da habitação onde produzem as febres. Um preconceito vulgar attribue a entrada dos mosquitos nas habitações, só de noite, por serem attrahidos pelas luz e julga-se que todas as manhãs se saiam depois de engorgitados do sangue das suas victimas.

A verdade é que os mosquitos são insectos que só accorram depois do sol posto e, se encontram a essa hora as janellas ou portas abertas, introduzem-se immediatamente nos quartos esperando socegadamente que as victimas se deem. Os mosquitos temem-se das correntes d'ar violentas e é d'observação frequente que em noites de ventania não se fazem sentir.

Antes de continuarmos permitta-nos, sr. redactor, que façamos algumas observações aos ultimos artigos do *Guadiana*. Parece que por lá não gostaram muito da *nossa lição* de pathologia geral. No numero de 8 de agosto começa por se referir á nossa immodestia transcrevendo algumas phrases adubadas de picantes commentarios. Se bem que preferissemos que a transcrição fosse total, — porque a satisfação seria toda nossa e a utilidade para todos, — não deixaremos de agradecer a amabilidade e o reclame que nos fizeram. Em

assumptos tão monotonos não está de mais estimular a curiosidade dos leitores.

O que não percebemos é porque se escandalizou tanto o articulista, — nosso antagonista como elle quer inculcar-se, ao ver que tinhamos o firme proposito de o elucidar. Não fica mal a ninguem ensinar o que sabe e muito menos aprender o que ignora. A não ser que o nosso autogonista tenha a irrisoria infelicidade de estar convencido de que sabe mais do que ninguem sobre qualquer ramo de sciencia. Ha tanta gente assim; quanto mais ignorante mais ridiculamente enfatuada. Ora vamos. Por muito lido que seja sempre lá ha de caber mais um pouco de «coisas novas», e não extranhe pois que tentassemos elucidar o com os nossos conhecimentos a proposito do dique da Carrasqueira.

Vinha o articulista presistindo n'um erro, justificado apenas por noções vulgares do seculo passado, e tão vulgares que ainda hoje é do dominio publico, dos hortellos, do articulista e de toda a gente *illustrada*, que só os pantanos podem dar origem ás febres palustres, — é quasi uma superstição, — quando a verdade é que a etiologia do paludismo, hoje conhecida, é completamente outra; a sciencia caminha, dando sempre novos fructos, e é bom que se não deixe envelhecer coberta de pó no mysterio dos gabinetes de estudo e laboratorios, — vindo drenada, pela imprensa, para a *sabedoria* dos povos e edificação de jornalistas, pouco metculosos.

D'ahi a nossa naturalissima intervenção com toda a nossa justicadissima *immodestia*.

A seguir pretende o *Guadiana* levantar uma insinuação que nunca existiu. Escrevemos: «que sentiamos que não tivesse por lá um medico amigo que a tivesse elucidado já...» Diz-nos que nunca recorreu a medico algum. Mas era exactamente isso o que nós lamentavamos, senhor antagonista, porque se o tivesse feito não persistiria no disparate. Ao menos convençanos de que sabe lêr.

No mesmo artigo, — a proposito de outras doenças que mencionamos muito intencionalmente, — tratando ainda da insalubridade das Hortas, falla o articulista em variola, diptheria, febres typhoides e intestinaes. Tambem quer attribuilas ao esteiro? Antes que no-lo demonstre seria bom que a junta medica amiga lhe observasse o estado mental.

Leia em qualquer tratado de pathologia interna os capitulos da etiologia d'essas doenças e verá, se souber vêr, quanta razão nos assiste ao querermos chamar para as proprias Hortas as attensões de todos.

Se fallámos nas enterites, pneumonias, alcoolismo, tuberculose, etc., é porque andam mais ou menos ligadas á mortalidade pela grippe e paludismo. Estas foram as doenças «predominantes» este anno nas Hortas e são muitissimas vezes como que a esporada final para a ultima viagem dos organismos miseraves dos hortellos.

Anathmatisa tambem o *Guadiana* os aromas do esteiro. Em todos os terrenos humidos e aguas paradas pode haver decomposição de substancia organica vegetal e d'ahi a produção dos cheiros a que se refere, mas pode o articulista, que tão sensivel pituitaria possui, estar descançado que, se os ha, não matam ninguem. Sabe de que corpos é constituído esse aroma? De ácido carbonico, hydrogenio sulfurado, ammoniaco, carbonetos de hydrogenio e outros productos volateis que precedem sempre a oxidação completa de qualquer substancia organica. Todos elles são inoffensivos se os respirarmos diluidos no ar livre como poderá succeder aos hortellos. Nestas condições nunca aquellas gazes poderão ser toxicos. Em muito maior quantidade, do que os que possam inhalar-se em cem metros quadrados de terra humida, poderá o articulista usar, até com satisfação, na agua de Seltz, nos banhos sulfurosos, nos medicamentos, nos

perfumes, na iluminação, etc. etc. Ahi temos outra superstição do povo e de muita gente arredada dos simplissimos conhecimentos modernos: a de taxar de nocivo tudo o que cheira mal e de inoffensivo o que já não cheira.

A bacteriologia de hoje não permite essa banalidade da velha hygiene. E' claro que devemos protestar sempre contra os maus cheiros, simplesmente porque nos incomodam—mas d'ahi a afirmar que os horteiões se envenenam com os gazes produzidos pela decomposição das plantas—vae um erro que a boa sciencia repelle.

Se as pestilencias como essas matassem—Villa Real seria hoje, por causa dos depositos de guanos das suas fabricas, uma vasta e de sertá necrópole. A todo o momento seriamos fulminados, até nos proprios quartos de dormir a que calafetamos as janellas! A toda a parte chegam e no entanto vamos vivendo todos de boa saude. Acautele-se antes o articulista com o que não cheira e siga as prescrições da hygiene moderna, indicando-as tambem a toda a «freguezia» de quem declara ser interprete.

Num post-scriptum—allude vagamente a um determinado facto perjudicial á saude publica a proposito da curandice. Ha de ser curiosissimo o artigo do Guadiana a tal respeito. Se o articulista tratar da curandice de Cacella com a mesma convicção, felicidade e bases scientificas com que atacou o dique da Carrasqueira—desde já lhe pedimos que poupe o Guadiana ás gargalhadas dos curandeiros. Quando dissemos que a «curandice campeava impavida» não foi com o fim de indicar ao Guadiana um mal irremediavel para que apellesse para as autoridades. Não pretendemos acabar com os curandeiros de Cacella, nem impedir que impinjam as suas panaceas quasi inoffensivas. Em toda a parte os ha, desde a capital até á mais recondita aldeia e infelizmente tão intimamente enraizados no espirito do aldeão que este se revolta—sempre que se pretende substituir as prescrições claras da medicina aos seus mysteriosos processos de cura. Um flagrante «instantaneo» dá educação do povo portuguez,—só o tempo o poderá retocar... mas se não podemos lutar ainda com as crencas populares pelo menos tentemos evitar que a ignorancia dos «endrietas» se torne prejudicial, transformando a aprazivel Cacella n'um foco de terribes enfermidades. Refejimo nos principalmente á tuberculose que ultimamente lá se tem desenvolvido d'uma maneira assustadora. Nem os curandeiros nem os medicos sabem curar essa doença n'aquelle meio de miseria. Os medicamentos dispendiosos, a hygiene e a super-alimentação são um mytho para aquella pobre gente. Individuo tuberculizado está fatalmente condemnado. E' inutil qualquer tratamento, mas não estará demais que empregemos todos os meios ao nosso alcance para evitar que a calamidade se alastre.

Ahi é que os curandeiros são prejudiciaes. Para elles,—que não sabem conhecer a doença nem os perigos d'ella,—um physico tem apenas um «desmancho» ou a espínhela caída, e já quando o pulmão se lhes funde, escancarando cavernas, d'onde as convulsões da tosse arrancam milhões de bacillos para os disseminar por toda a parte—é que os mandam para o medico que se reduz a olhá los tristemente compungido.

E' para isto que chamaremos a atenção do Guadiana,—para que por seu turno reclame da camara municipal que não abandone os seus municipes de Cacella e cumpra com as clausulas dos contractos dos medicos municipaes. As visitas frequentes d'um facultativo a Cacella seriam utilissimas, porque pelo menos, os tuberculosos seriam rodeados dos cuidados da desinfecção e isolamento, que os tornariam inoffensivos.

Mas qual,—a camara importa-se lá com a saude de ninguem! Que linda these para um congresso, intitulada: «De como as

Camaras Municipaes contribuem para o desenvolvimento da tuberculose!»

Fica o resto para mais tarde, porque o assumpto merece ser tratado com mais vagar.

No numero de 15 de agosto vem a prosa e a logica do nosso querido antagonista muito mais interessante.

Damos um doce ao Guadiana se descobrir «o livro» de onde copiamos o nosso artigo, segundo elle diz. No conjunto não o encontra em parte nenhuma e nas particularidades—em muitissimas memorias de ha poucos dias e tão modernas que só d'aquí a cincoenta annos é que chegarão ao conhecimento dos articulistas do Guadiana, a attender ao passo travado com que caminha o jornal: Que pobreza de recursos se adivinha na contextura de qualquer numero!

Continua.

O HERALDO

Por circumstancias de força maior não vão n'este numero varias noticias, informações e artigos. Ficam para o proximo numero.

DONATIVO

Mais foi offerecido pela Companhia de Pescarias «Barril ou Trez-Irmãos» á Santa Casa da Misericórdia d'esta cidade, para melhoramento do Albergue, o donativo de 5250 réis.

O HERALDO é o jornal algavio mais barato e de maior circulação.

Tudo que é de mais, não presta

Se o estado de adiantamento da agricultura se fóra avaliar pela quantidade de acido phosphorico que se consome na adubação das suas terras, talvez não houvesse lavoura mais rica nem mais prospera do que a Portugueza.

Porque, em absoluto, em Portugal importa-se enormissima quantidade de superphosphato de cal e relativamente é talvez o nosso paiz aquelle onde, proporcionalmente á sua area cultivada, se consome maior quantidade de acido phosphorico pela forma indicada.

Tudo que é de mais não presta e o consumo exagerado a que nos referimos muito longe de corresponder a um verdadeiro progresso, representa um retrocesso injustificavel, dá a meta do conhecimento com que se procede e da imprevidencia com que se regula assumpto de tão magna importancia.

Comprehendia-se que se importassem e se consumissem os milhares de toneladas, que annualmente a agricultura nacional recebe do estrangeiro de superphosphato de cal, uma vez que houvesse um consumo proporcional dos outros elementos fertilizantes azote e potassa principalmente.

Assim como se faz, não; de maneira alguma.

Tudo que é de mais não presta e o emprego dos superphosphatos exclusivos é de mais e portanto não presta.

Que não presta, não somos só nós a dizel-o de voz em grita, os lavradores o declaram e os factos o comprovam.

Quem escreve estas linhas, ainda não ha muito que recolheu de uma digressão, em que percorren o sul e uma parte do centro do paiz e teve occasião de ver e de ouvir a deploravel colheita que se realizou, os enormes queixumes que no geral por todo o lado se levantavam.

Quem não adubou, nada colheu, quem empregou o superphosphato exclusivo, tirou no geral, quando muito, tres sementes.

Tivemos occasião de ver, avaliar, medir e até de pesar, que em alguns casos o superphosphato exclusivo não chegou a produzir tres sementes!...

E com os adubos compostos, em que ao superphosphato se juntaram os elementos azotados e potassicos, que alguns lavradores mais perdula-

rios tiveram o arrojo de empregar em maior escala que colheram esses?!

A ruina por certo, com uma adubação tão cara, que amedronta o maior numero!

Sete e meia sementes por cima, dez, doze, dezoito e não sabemos se mais ainda.

Quem empregou adubos compostos debaixo de formulas harmonicas com as exigencias culturais e adequadas á natureza das terras, ficou satisfeito, lastima se sim, de não ter ido mais longe e prepara-se para uma nova campanha animado pelos resultados colhidos, a alargar a area do emprego dos adubos compostos o mais possivel.

Em media, não se pode calcular em menos de nove sementes, o acrescimo da produção este anno dos adubos compostos nas condições expostas, sobre o superphosphato exclusivo.

O hectare que tem 10:000m² abrange a semente de trigo que lhe deitam, desde o minimo de 5 alqueires até ao maximo de 15 a 16.

Calculemos, como media geral, 8 alqueires com o peso de 12 kilos. N'esta hypothese, o acrescimo de receita dos adubos compostos sobre o superphosphato exclusivo foi de 9x8=72 alqueires. correspondentes a 72x12=864 kilos, que a 70 réis o kilo, valem 60\$480 réis.

Descontando o valor da adubação completa na quantidade devida em 50\$000 réis ficam nos outros réis 30\$000 como receita liquida, ficando o valor de 3 sementes para o grangeio, etc.

Alcançando-se 3 sementes com o superphosphato exclusivo, temos por hectare uma produção de 8x3=24 alqueires, correspondentes a kilos 24x12=288 que a 70 réis o kilo valem 20\$160 réis.

Descontando o valor do superphosphato empregado ha razão de 500 kilos por hectare ou sejam 8\$000 réis, ficam liquidos 12\$160 réis, que é mais do que problematico, se chegarão para cobrir o valor da semente e despesas do grangeio!...

Decididamente tudo que é de mais não presta e o superphosphato de uso exclusivo é de mais, e portanto não presta.

A professora official de Odelete, D. Feliciano da Encarnação Castanho Ribeiro, habitoiu este anno no ensino domestico, para o exame de instrucção primaria, 2.º grau, as meninas Maria Silvestre Ribeiro Gimenez e Laura Marianna Alberto, a primeira sua sobrinha e a segunda sua afilhada, ficando esta distincta e aquella approvada, no exames que ultimamente fizeram em Faro.

Felicitamos a infatigavel professora por vêr por esta forma premiados os esforços que sempre lhe tem merecido o ensino, não obstante o meio safaro em que tem de exercer a sua actividade.

OSCAR LEAL

Esta em Tavira desde a semana passada e tenciona demorar se aqui ainda alguns dias, retirando depois para as Caldas de Monchique a uso d'aquellas aguas, o nosso amigo sr. dr. Oscar Leal, distincto publicista e habil cirurgião dentista com a especialidade de collocação de dentes.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Table with 2 columns: Item and Price. Includes items like Amendoa coca, Alfarroba, Centeio, Cevada, Chicharos, Favas, Feijão raiado, Grão, Milho de regadio, Milho de sequeiro, Trigo broeiro, Trigo rijo, Sal, Batata, Azeite, Aguardente, Vinagre, Vinho.

Centenares de Creanças

rachiticas, são curadas todos os annos. Porque se não ha de contar o vosso filho entre ellas? Basta para isso que façaes como fizeram os paes d'aquellas, a saber: dar ao pequeno doente a Emulsão de Scott.



LUIZ GONÇALVES

O TESTEMUNHO

Braga, Largo de C. Hintze Ribeiro, 1, 6 de Fevereiro de 1906. Tenho o prazer de lhes annunciar a cura completa de meu filho Luiz, de 1 anno d'idade, que desde o seu nascimento me causava serios cuidados, pela sua constituição debil e totalmente rachitica. A Emulsão de Scott, que lhe fiz tomar por conselho medico, operou o milagre de o tornar tão forte e tão robusto, que eu hoje quasi julgo um sonho a rapida transformação porque passou todo o seu organismo. Manoel Antonio Gonçalves.

A RAZÃO

Ah, sim! Sr. Gonçalves, não estava sonhando! Não ha nada no mundo mais verdadeiro e mais permanente que os beneficios conferidos pela

Emulsão de Scott

Porque é isto? Porque sómente se emprega o oleo de fígado de bacalhau noruegues mais fino e mais puro, o que custa muitas vezes mais que o oleo inferior que se usa no fabrico das outras emulsões de fígado de bacalhau, assim chamadas. Além d'isto é devido á perfeição do fabrico, fructo de experiencias dispendiosas e um cuidado incansavel.



Portanto, se quizerdes que o vosso filhinho alcance o beneficio que coube ao pequeno Luiz Gonçalves, é absolutamente indispensavel verificar se o involucro traz o pescador com o peixe.

NOTA: Apesar do Emulsão com esta marca—o homem do peixe—que significa o processo Scott! Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de Scott aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Sucos, Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º, Porto.

CARRIRAS A VAPOR NO GUADIANA

Table with 4 columns: Dias, Horas, De, Mertola, Horas, De, Villa Real. Shows departure times for steamships between Mertola and Villa Real.

Agradecimento

Rita das Dores Figueiredo de Jesus, Lusía do Livramento Ferro, Florinda das Candeias, Maria do Rozario Capellinha, Antonio Joaquim Soares, José de Jesus Soares, Manoel Antonio Capellinha, Gonçalo Sabino dos Reis Ferro e Luiz Antonio Ramos agradecem por este meio a todas as pessoas que se dignaram acompanhar sua mãe, irmã e sogra Maria Francisca, cujo funeral teve logar no dia 24 de julho, no cemiterio da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. A todos protestam o seu eterno reconhecimento.

Armações d'atum

Peixe vendido na lota de Villa Real de Santo Antonio de 24 a 30 de agosto. Abobora—27 atuns, 6 atuarros, 48 albacoras, 160 sarrajões, réis 337\$630. Medo das Cascas—78 atuns, 4 atuarros, 838\$166 réis. Livramento—25 atuns, 8 atuarroc, 2 albacoras, 41 cachoretas, 296\$715 réis. Total: 130 atuns, 8 atuarros, 50 albacoras, 41 cachoretas, no valor de 2:472\$511 réis.

JOAQUIM PERES MEDICO

Dá consultas diarias em sua casa, na rua da Corredoura, das 12 ás 2 horas da tarde. 115

LECCIONA-SE

Promptifica-se a leccionar o 1.º, 2.º e 3.º annos dos Lyceus recebendo para isso qualquer correspondencia em sua casa, Avenida d'acesso á estação do caminho de ferro, o padre Victor Manuel Rodrigues. 105

EDITAL

Manoel Joaquim Mendes do Passo, administrador interino do concelho de Tavira, em exercicio, por Sua Magestade El-Rei, A Quem Deus Guarde.

FAÇO saber que n'esta administração do concelho foi requerida licença por Joaquim Gonçalves Palmeira, casado, proprietario e morador no Terreiro do Garção, freguezia de Santa Maria d'esta cidade, para estabelecer uma fabrica de destillação d'aguardente com uma caldeira de capacidade de 190 litros, no seu predio na Travessa do Rego, freguezia dita de Santa Maria; e, achando-se aquelle estabelecimento comprehendido na 2.ª classe da tabella aneixa ao Decreto de 21 d'outubro de 1863, com a designação de—perigo d'incendio,—em conformidade do disposto no Art.º 6.º do citado, são convidadas todas as autoridades, chefes ou gerentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a apresentarem n'esta administração do concelho, no prazo de trinta dias, a centar da publicação d'este em qualquer jornal da provincia o motivo que tiver da opposição contra a concessão da mesma licença. E para que chegue ao conhecimento de todos se passou estes e outros d'igual teor, que vão ser affixados nos lugares que a lei determina, juntando se aos autos certidão da sua affixação e um dos exemplares do jornal em que o mesmo fór publicado. Tavira, 30 de julho de 1907.

E eu, Alvaro Mendes Torres, secretario d'esta Administração, e escrevi. Manoel Joaquim Mendes do Passo. 121

O DIJESTIVO ROIVIN

Cuja efficacia é universalmente reconhecida, pode considerar-se, hoje, como o remedio soberano por excellencia nas enfermidades chronicas e agudas do ESTOMAGO e do INTESTINO. Uma caixinha com 30 obreias que levam gravado o nome DIGESTIF ROIVIN representa um tratamento completo, sendo superior a qualquer outro remedio e dando melhores resultados que uma duzia de garrafas de agua mineral adequada á doença que se quer combater. De venda nas principaes farmacias—Depósito e venda por atacado: DIGESTIF ROIVIN: 7, Rue du Marché Saint Honoré, PARIS.

G. V. GAROLA

A CULTURA DA TERRA

Lavouras, Sementeiras, Plantação, Estrumação, Grangeios. Preço, 300 réis. Livraria Classica Editora, Praça dos Restauradores, 20, LISBOA.

